

## NOTA PRÉVIA À PRESENTE EDIÇÃO

Para o tradutor compulsivo que foi Paulo Quintela, apenas os grandes desafios valiam a pena. Como repetidamente deixou escrito, traduzia o que exigia ser traduzido, isto é, aqueles textos cuja leitura o solicitava com tal intensidade que despertava o desejo de tradução enquanto extensão quase natural de uma relação poética, particularmente atenta aos discursos capazes de explorar até ao limite, ou mesmo até ao excesso, as potencialidades da língua. Não admira, assim, que o interesse pela poesia de Nietzsche o tenha motivado desde cedo — «poesia» entendida num sentido muito lato, já que, nomeadamente, confluindo, neste particular, com toda uma tradição crítica, lia *Assim Falou Zaratustra* como um grande poema em prosa, a seus olhos, o maior jamais escrito na língua alemã. E não admira também que, não desatendendo, de modo nenhum, ao revolucionário contributo filosófico, Nietzsche tenha sido sempre, para Paulo Quintela, sobretudo o poeta-filósofo, o cultor por excelência da língua, um dos grandes inovadores da expressão poética na língua alemã.

Como se esclarece no prefácio à primeira edição dos poemas, o fundamental das versões nietzschianas de Paulo Quintela foi produzido em 1950, como contributo para uma nunca realizada celebração do cinquentenário da morte do filósofo. Gorada esta oportunidade, seria necessário esperar até 1960 para a publicação em livro, sob os auspícios da livraria Galaica, do Porto. O volume

conheceria mais duas edições, igualmente bilingues como, sempre que possível, era a decisão do tradutor, pela editora Centelha, de Coimbra, em 1981 e 1986.

Que o interesse do tradutor na poesia de Nietzsche não se esgotaria com a publicação de 1960, prova-o a tradução integral dos *Fragmentos Póstumos*, seguindo a lição da *Kritische Gesamtausgabe*, da responsabilidade de Giorgio Colli e Mazzimo Montinari, publicada em 1972. O exemplar utilizado pelo tradutor daria entrada na biblioteca do Instituto de Estudos Alemães da Faculdade de Letras de Coimbra em Setembro de 1973, estando as traduções datadas logo de 17 a 23 de Dezembro de 1973. Esta tradução ficaria inédita em vida de Paulo Quintela, tendo ficado por cumprir a promessa exarada no prefácio à segunda edição: «Se houver uma nova edição, acrescentar-se-á um suplemento com mais fragmentos de “Ditirambos Dionisiacos”».» Como o levantamento exaustivo do espólio revelaria, esses fragmentos teriam estado, afinal, já disponíveis para a reedição de 1981. Talvez algumas hesitações do tradutor, sinalizadas nos manuscritos, que dão mostras de pelo menos um amplo processo de revisão, se tivessem atravessado no caminho da publicação. Esta viria a ocorrer apenas postumamente, no quarto volume (*Traduções III*) das *Obras Completas* de Paulo Quintela, publicado em 1999 pela Fundação Calouste Gulbenkian. Nesta publicação, omitiram-se os poemas em que, no caso de coincidência com versões já publicadas, a preferência final do tradutor, assinalada no manuscrito, ia, inequivocamente, para a versão anterior.

Nietzsche, enquanto poeta, só muito escassamente tem motivado o interesse dos tradutores portugueses, pelo que, para o leitor de língua portuguesa, a tradução de Paulo Quintela permanece uma essencial porta de entrada no complexo universo poético nietzschiano. Razão mais do que suficiente para justificar a presente reedição.

ANTÓNIO SOUSA RIBEIRO

## PREFÁCIO

Du ein Dichter? Du ein Dichter?  
Stehts mit deinem Kopf so schlecht?  
— «Ja, mein Herr, Sie sind ein Dichter»  
Achselzuckt der Vogel Specht.

[*Poeta — tu? Tu — poeta?*  
*'Stá o teu juízo assim tão mau?*  
— «*Sim, meu Senhor, o Senhor é poeta*»  
*Diz, dando aos ombros, o pica-pau.*]

F. Nietzsche, *Dichters Berufung*  
(*Lieder des Prinzen Vogelfrei*)

Eis aí um nome — Friedrich Nietzsche — de cuja filosofia, com direito ou sem ele (mas quase sempre sem ele), muitos pretendem prevalecer-se, para bem ou para mal, raras vezes, no entanto, como seria de elementar decência, «para além de bem e mal»... Reduz-se a substância do pensar do mais angustiado, audaz e honesto espírito que se jogou na luta de ideias dos finais do século XIX à concentração indigesta de meia dúzia de fórmulas, em si magistrais e decisivas, mas normalmente arrancadas de puro arbítrio aos respectivos contextos, quando não apreendidas de outiva e engroladas à pressa

— o «Super-Homem» identificado com a «besta loira» ou com o vulgar tirano, a «Vontade de Poder», o «Eterno Retorno», a «Moral de Rebanho», «Deus morreu»... —, e exploram-se tendenciosamente para qualquer dos lados, ora numa adesão fácil, precipitada e perigosa, ora numa rejeição odienta e cega.

E não deixa de estar certo e previsto já por quem escreveu, com o subtítulo *Ein Buch für Alle und Keinen — Livro para Todos e para Ninguém* — o maior e mais belo dos seus poemas — *Also Sprach Zarathustra* — «talvez o mais poderoso poema em prosa que a literatura mundial produziu de há séculos a esta parte», «o verdadeiro poema heróico da moderna poesia alemã, filosofia de um poeta extático, sonho de um filósofo inabalavelmente convicto da sua verdade, hino ardente à vida, à mais terrível dor e ao mais alto prazer da existência terrena» (Kurt Martens).

Assim é que todos se sentem no direito de se aproveitarem dele e raros lhe atingem a excelsa grandeza. E qualquer charlatão vociferante e megalómano enfia abusivamente sobre a pele de louco pigmeu as roupagens do super-homem e, ataviado de um demonismo suspeito, arrasta na sua demência um grande povo à inevitável e irreparável catástrofe.

Uma irmã provinciana, possessa de exibicionismo e sedenta de glória a que não tem jus, explora-lhe desvergonhada e ambiciosamente a memória e forja durante decênios, em criminoso trabalho de falsificação, uma lenda e um mito que distorcem, talvez irremediavelmente, a figura do pensador, avocando a si a administração do espólio e mutilando correspondência, alterando títulos de manuscritos, acrescentando, transpondo, ordenando arbitrariamente escritos e fragmentos<sup>(1)</sup> — pior ainda: ajoujando-o

---

(<sup>1</sup>) V., sobre o caso das falsificações de Frau Förster-Nietzsche, entre outros, os seguintes estudos: E. F. Podach, *Nietzsches Zusammenbruch, Beiträge zu einer Biographie auf Grund unveröffentlichter Dokumente*, Heidelberg 1930; Josef Hofmiller, *Nietzsche (Süddeutsche Monatshefte, n.º 2, Nov. de 1931, pp. 73–131)*; o *Apêndice (Zeit- und Lebenstafel e Philologischer*

postumamente ao carro temporariamente triunfal de um César sinistro e reduzindo-o, por seu procedimento, ao papel aviltante de seu profeta. O próprio Nietzsche anteviu, aliás, o que o destino lhe reservava neste particular, quando de Veneza escrevia, em meados de Junho de 1884, precisamente à «irmã abusiva»: «*Wer weiß, wie viele Generationen erst vorübergehen müssen, um einige Menschen hervorzubringen, die es in seiner ganzen Tiefe nachfühlen, was ich getan habe! Und selbst dann macht mir der Gedanke Schrecken, was für Unberechtigte und gänzlich Ungeeignete sich einmal auf meine Autorität berufen werden. Aber das ist die Qual jedes großen Lehrers der Menschheit: er weiß, dass er, unter Umständen und Unfällen, der Menschheit zum Verhängnis werden kann, so gut als zum Segen.*»<sup>(2)</sup>

Não serão, porém, estas misérias (humanas?... por de mais humanas?...), nem os atropelos à sua doutrina, nem mesmo essa mesma doutrina ou a sua clarificação e valorização histórica — quiçá

---

*Nachbericht*) ao 3.º vol. (resp. pp. 1359–1382 e 1383–1432) de *Friedrich Nietzsche, Werke in drei Bänden herausgegeben von Karl Schlechta*, Carl Hanser Verlag, Munique 1956; Karl Schlechta, *Der Fall Nietzsche*, 2.ª ed. ampliada, Carl Hanser Verlag, Munique, 1959; Richard Roos, *Les derniers écrits de Nietzsche et leur publication (Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, n.º 2, Abril-Junho 1956, pp. 262–287) e *Elisabeth Foerster-Nietzsche ou la sœur abusive (Études Germaniques*, Ano XI, n.º 4, Out.-Dez. 1956, pp. 321–341); Edgar Salin, *Der Fall Nietzsche (Mercur*, Estugarda 1957, n.º 112, p. 573–587); Edgar Salin, *Vom deutschen Verhängnis, Gespräch an der Zeitenwende: Burckhardt-Nietzsche*, Rowohlt, Hamburgo, 1959; Rudolf Pannwitz, *Nietzsche-Philologie?... (Mercur*, n.º 117, pp. 1073–1087). Este último artigo é confessadamente um ataque ao ponto de vista e aos trabalhos de K. Schlechta, embora reconheça muitos dos malefícios da irmã do filósofo.

<sup>(2)</sup> «Quem sabe quantas gerações terão de passar ainda até que apareçam alguns homens capazes de sentir o que eu fiz em toda a sua profundidade! E mesmo então me assusta a ideia de quantos sem direito e totalmente impróprios se prevalecerão um dia da minha autoridade. Mas é esse o martírio de todo o grande mestre da humanidade: ele sabe que, sob certas circunstâncias e acidentes, tanto *pode* vir a ser a desgraça da humanidade como a sua felicidade.» — *Nietzsche in seinen Briefen und Berichten der Zeitgenossen*, pág. 345.

a sua fundamentada refutação e rejeição — que hão-de ocupar-nos aqui e agora<sup>(3)</sup>, mas tão-somente a «*solidão azul*» da sua poesia.

*Filósofo lírico* lhe têm chamado — e o rótulo assenta-lhe bem, contanto que despojemos o adjectivo de qualquer ressaibo de intenção minorativa ou de menoscabo, para o entendermos no sentido de coisa *vivida, sofrida* no cerne da personalidade e na raiz, no tronco e nos ramos da vida, coisa subjectiva — *lírica*, enfim, que a palavra é insubstituível na amplitude do seu conteúdo e na especificidade da sua esfera vivencial. Por isso mesmo é Nietzsche uma voz única não só na poesia alemã como também na poesia europeia em geral; por isso também ele está na base de toda a poesia moderna; por isso ainda é ponto de partida, com Kierkegaard, das

---

(3) Sobre a biografia e vários aspectos da filosofia de Nietzsche, limitamo-nos a remeter o leitor interessado, sem a preocupação de dar sequer todo o essencial, para os estudos fundamentais de Charles Andler (*Nietzsche, sa vie et sa pensée*, 6 vols., Paris 1920–1931), Ernst Bertram (*Nietzsche, Versuch einer Mythologie*, Berlim 1929). Karl Jaspers (*Nietzsche, Einführung in das Verständnis seines Philosophierens*, Berlim 1936; há trad. francesa com uma carta-prefácio de Jean Wahl, Paris, Gallimard, 1950). Deste último, *v.* também: *Nietzsche und das Christentum*, de que há também trad. francesa de Jeanne Hersch — *Nietzsche et le Christianisme* — Paris 1949. Antiquado já: H. Lichtenberger, *La Philosophie de Nietzsche*, Paris 1923. Sobre Nietzsche e o Existencialismo, *v.*, para introdução, em R. Jolivet, *Les Doctrines Existentialistes de Kierkegaard à J.-P. Sartre*, Éditions de Fontenelle, 1948, o 2.º cap. da 1.ª parte, pp. 61–74. (Há trad. portuguesa, da Livraria Tavares Martins, Porto). Leia-se ainda o cap. *Nietzsche Éducateur et Prophète*, pp. 94–117 de *Les Grands Maitres de l'Humanisme Européen*, por Jean-Edouard Spénlé, Paris 1952. Thomas Mann, *Nietzsches Philosophie (Neue Studien)*, Estocolmo, 1948, pp. 105–159). De Heinrich Mann, a introdução a *Les Pages immortelles de Nietzsche choisies et expliquées par H. M.*, Paris, 1939. Para iniciação à vida e personalidade de Nietzsche, *v.*: *Nietzsche in seinen Briefen und Berichten der Zeitgenossen, die Lebensgeschichte in Dokumenten herausgegeben von Alfred Baeumler*, A. Kröner Verlag, Leipzig, 1932; *Nietzsche devant ses contemporains, textes recueillis et publiés par Geneviève Bianquis*, Éditions du Rocher, Mónaco, 1959. Sobre *Nietzsche e o Nihilismo*, escreveu A. Camus em *L'Homme révolté* (Paris, 1951, pp. 88–105) algumas páginas luminosas.

mais recentes correntes filosóficas de sinal angustiado e tremente; por isso — e não finalmente — a sua psicologia se reflecte nas escolas de Freud e seus continuadores.

A análise impiedosa da crise trágica da cultura europeia nos finais do século, válida em grandíssima medida ainda, e sobretudo hoje, a coragem radical de diagnosticar as suas insolúveis contradições, o heroísmo da descoberta de terra nova para lá das ruínas de um mundo em estertor, a alacridade da aceitação final da vida na sua indissolúvel totalidade de prazer e dor — tudo isto exige por igual o respeito de adeptos e adversários que, quando honestos, não poderão fechar os olhos à funda honradez dos seus processos de exame, nem os ouvidos aos clamores das suas admoestações.

Mas, medularmente, Nietzsche é poeta, e um inexcedível, um supremo artista da palavra. Daí a fascinação da sua leitura, mesmo quando nos provoca — ou precisamente, pelo menos em grande parte, porque provoca — à contradita, e até suscita — porque não dizê-lo? — a repulsa activa e o protesto veemente. Ele mesmo disse que, depois de Lutero e de Goethe, foi ele que levou a língua alemã à perfeição.<sup>(4)</sup> Thomas Mann, que o devia saber, reconheceu-lhe a craveira de Goethe. Adaptando ao seu caso o que se disse de um grande português seu contemporâneo, também se pode afirmar que, depois dele, ninguém tem o direito de escrever mal a língua alemã. «O meu estilo é uma dança; um jogo de simetrias de toda a sorte e uma superação e um escárnio dessas simetrias. E o jogo

---

<sup>(4)</sup> Na carta de 22 de Fevereiro de 1884 a Erwin Rohde: «*Ich bilde mir ein, mit diesem Zarathustra die deutsche Sprache zu ihrer Vollendung gebracht zu haben. Es war, nach Luther und Goethe, noch ein dritter Schritt zu tun — ; sieh zu, alter Herzenskamerad, ob Kraft, Geschmeidigkeit und Wohlklang je schon in unserer Sprache so beieinander gewesen sind.*» — «Imagino que com este Zarathustra levei a língua alemã à sua perfeição. Depois de *Lutero* e *Goethe*, havia ainda um terceiro passo a dar —; vê lá, meu velho camarada do coração, se jamais houve, assim juntas na nossa língua, força, ductilidade e melodia.» — F. Nietzsche, *Briefwechsel mit Erwin Rohde*, Leipzig 1923, p. 413.

vai até à escolha das vogais.»<sup>(5)</sup> E embora isto leve por vezes a um virtuosismo exagerado que faz o desespero de qualquer tradutor, a verdade é que, como escreve um moderno historiador da literatura alemã, «por ele se aprendeu de novo o que a língua alemã oferece de possibilidades de música hínica, de antítese cintilante, de vibração lírica, de aguda precisão espiritual, de luminosidade ardente e de soberana inteligência» (F. Martini). A agudeza crítica a que não poupava o seu próprio labor levava-o, por vezes, a afirmações que poderão parecer estranhas de megalomania, mas que são verdades objectivas, como quando, por exemplo, escreve, a 21 de Junho de 1888, a Karl Knortz, a respeito do *Zarathustra*:

*«Von meinem Zarathustra glaube ich ungefähr, dass es das tiefste Werk ist, das in deutscher Sprache existiert, auch das sprachlich vollkommenste. [...] Ich scheue auch, hinsichtlich der Kunst der Darstellung und der artistischen Ansprüche, keine Vergleichung. Mit der deutschen Sprache verbindet mich eine lange Liebe, eine heimliche Vertrautheit, eine tiefe Ehrfurcht! Grund genug, um fast keine Bücher mehr zu lesen, die in dieser Sprache geschrieben werden.»*<sup>(6)</sup>

Um mês mais tarde, porém, cai no puro delírio da grandeza ao escrever a Malwida von Meysenbug: *«Ich bin der unabhängigste Geist Europas und der einzige deutsche Schriftsteller — das ist etwas!»*<sup>(7)</sup> No borrão de uma carta a Taine, de Novembro do mesmo ano: *«...ich bin unglücklich, deutsch zu schreiben, obgleich*

---

<sup>(5)</sup> Na mesma carta a E. Rohde, *Id., Ib.*

<sup>(6)</sup> «Do meu Zarathustra creio, pouco mais ou menos, que é a obra mais profunda que existe em língua alemã, e também a mais perfeita do ponto de vista da linguagem. [...] No que respeita à exposição e às exigências artísticas, também não receio nenhum confronto. Estou ligado à língua alemã por um longo amor, uma secreta familiaridade, um profundo respeito! Razão bastante para quase não ler nenhuns livros que se escrevam nessa língua.» — *Nietzsche in seinen Briefen und Berichten der Zeitgenossen*, Leipzig 1932, pp. 469–470.

<sup>(7)</sup> «Sou o espírito *mais independente* da Europa e o *único* escritor alemão — é alguma coisa!» — *Id.*, p. 472.



*ich vielleicht besser schreibe, als je es ein Deutscher schrieb»*<sup>(8)</sup>. A loucura vem já perto. O problema central do Nietzsche-Poeta nas suas relações com o Nietzsche-Filósofo está posto com toda a clareza na carta a Erwin Rohde atrás citada. Importa notar que é resposta a outra do amigo que lhe escrevia: «...*Schelte nur die Dichter nicht, sie haben den großen Vorzug, die herrlichsten und tiefsten Gedanken und Intuitionen vortragen zu dürfen, ohne sich mit einem Beweise derselben abquälen zu müssen, den der "Philosoph" sich nachträglich mühsam zusammenschustern muss.*»<sup>(9)</sup> É, pois, a isto que Nietzsche responde:

«*Übrigens bin ich ein Dichter bis zu jeder Grenze dieses Begriffs geblieben, ob ich mich schon tüchtig mit dem Gegentheil aller Dichterei tyrannisirt habe.*»<sup>(10)</sup>

Eis aí está, pois: — Numa hora de confiança ao mais querido camarada de juventude, Nietzsche, o filósofo, o amante da Verdade, reconhece a sua medular natureza de poeta que teve de contrariar, *tiranzando-se*. E em toda a sua obra de pensador se debate ele entre as suas duas naturezas: de um lado o «louco», o «poeta»

«que tem de mentir,  
que ciente e voluntariamente tem de mentir»;

do outro, o filósofo, o «*pretendente da Verdade*». E isto o leva ao primeiro e magnífico ditirambo dionisíaco (*v. adiante*, pp. 36–43), de cuja leitura saímos repassados da sua última aspiração:

---

<sup>(8)</sup> «...sinto-me infeliz por escrever em alemão, posto talvez escreva melhor do que qualquer alemão jamais escreveu». — *Id.*, p. 495.

<sup>(9)</sup> «...Não digas mal dos poetas; eles gozam do privilégio de poderem expor as ideias e intuições mais sublimes e profundas sem terem de se atormentar com a *prova* que o “filósofo” tem depois de atamancar laboriosamente.» — *Briefwechsel mit Erwin Rohde*, p. 410.

<sup>(10)</sup> «De resto, permaneci *poeta* até todo o limite deste conceito, embora me tenha *tiranzado* grandemente com o contrário de toda a *poetaria*.» — *Id.*, p. 413.

Oh! fosse eu banido  
de toda a Verdade!  
Só Louco! Só Poeta!...

E mesmo a suprema tarefa de Zaratustra-Nietzsche, a criação do super-homem, é obra de poeta:

*...ibr fragtet euch oft: «wer ist uns Zarathustra? Wie soll er uns beissen?» Und gleich mir selber gabt ihr euch Fragen zur Antwort.*

*Ist er ein Versprechender? Oder ein Erfüllter?<sup>(11)</sup> Ein Erobernder? Oder ein Erbender? Ein Herbst? Oder eine Pflugschar? Ein Arzt? Oder ein Genesener?*

*Ist er ein Dichter? Oder ein Wahrhaftiger? Ein Befreier? Oder ein Bändiger? Ein Guter? Oder ein Böser?*

*Ich wandle unter Menschen als den Bruchstücken der Zukunft: jener Zukunft, die ich schaue.*

*Und das ist all mein Dichten und Trachten, dass ich in Eins dichte und zusammentrage, was Bruchstück ist und Rätsel und grauser Zufall.*

*Und wie ertrüge ich es, Mensch zu sein, wenn der Mensch nicht auch Dichter und Rätselrater und der Erlöser des Zufalls wäre!<sup>(12)</sup>*

---

<sup>(11)</sup> Assim leio na ed. de Schlechta. Noutras, lê-se *Erfüller*.

<sup>(12)</sup> «...muitas vezes vos perguntastes: “Quem é Zaratustra para nós? Como lhe chamaremos?” E, como eu mesmo, respondestes com perguntas.

Promete ele? Ou é já cumprido? É conquistador — ou herdeiro? Outono — ou relha de arado? Médico — ou convalescente?

É poeta — ou verdadeiro? Libertador — ou domador? É bom — ou mau?

Passo entre os homens como entre fragmentos do futuro: daquele futuro que eu visiono.

E todo o meu sonho e intento é unir e juntar num só todo o que é fragmento e enigma e horrível acaso.

E como suportaria eu ser homem, se o homem não fosse também poeta e decifrador de enigmas e redentor do acaso?» — *Also Sprach Zarathustra*, Segunda Parte: *Von der Erlösung*.

Nem se queira opor a isto a diatribe contra os poetas «que mentem de mais», contida em capítulo anterior da mesma parte do *Zaratustra — Von den Dichtern* —, pois mesmo aí Zaratustra se mete na conta dos que «sabem muito pouco» e por isso «têm de mentir».

Todo o problema do «fingimento» poético, da «*mentira poética*», está enunciado e resolvido paradoxalmente no fragmento 103, que adiante se lê, a pág. 160:

Der Dichter, der lügen kann  
wissentlich, willentlich,  
der kann allein Wahrheit reden.

[*O poeta que é capaz de mentir  
ciente e voluntariamente  
é o único que pode falar verdade.*]

É, afinal, em quase perfeita coincidência verbal, o que se lê no primeiro *ditirambo* (págs. 36–37):

...só um Poeta!  
um bicho, manhoso, de rapina, rastejante,  
*que tem de mentir,*  
*que ciente e voluntariamente tem de mentir,*  
ávido de presa,  
de disfarces multicores,  
de si mesmo disfarce,  
de si mesmo presa...

Só um grande, um altíssimo poeta, *doublé* de psicólogo de genial poder de auto-análise, poderia escrever, em milénios de poesia europeia, esta página sobre a *inspiração* que constitui o 3.º parágrafo do capítulo sobre o Zaratustra em *Ecce Homo* (ed. Schlechta, II, pp. 1131–1132):

— *Alguém tem, neste final do século XIX, ideia exacta daquilo a que os poetas de eras fortes chamaram inspiração? Caso contrário, vou eu descrevê-la. — Com o mais insignificante resto de superstição dentro de nós, mal poderíamos de facto repudiar a ideia de sermos apenas encarnação, apenas porta-vozes, apenas médium de forças superiores. O conceito de revelação, no sentido de que subitamente, com indizível segurança e finura, algo se torna visível, audível, algo que nos abala no mais profundo de nós e nos derruba, é que pode descrever simplesmente esta situação. Ouvimos, não procuramos; tomamos, não perguntamos quem é que dá; um pensamento fulge como um relâmpago, com inevitabilidade (Notwendigkeit), sem hesitação na forma — nunca tive necessidade de escolher. Um arrebatamento cuja tensão prodigiosa por vezes se resolve numa torrente de lágrimas, durante o qual o passo ora involutariamente se precipita, ora afrouxa; um total e completo<sup>(13)</sup> albeamento (Ausser-sich-sein) com a mais distinta consciência de um sem-número de finos calafrios e arrepios (Überrieselungen) até aos dedos dos pés; uma sensação de funda ventura em que o mais doloroso e o mais sombrio não actuam como seus contrários, mas sim como condicionados, como exigidos, como uma cor necessária dentro de tal excesso de luz; um instinto de relações rítmicas que abarca vastos espaços de formas — a extensão, a necessidade de um ritmo amplo é quase a medida da força da inspiração, uma espécie de compensação para a sua pressão e tensão... Tudo acontece involutariamente no mais alto grau, mas como que numa tempestade de sentimento de liberdade, de incondicionalidade, de força, de divindade... O mais estranho é a imposição (Unfreiwilligkeit) da imagem, da metáfora; não temos mais noção nenhuma do que seja imagem ou metáfora; tudo se nos oferece como a expressão mais imediata, mais exacta, mais simples. Parece realmente, para lembrar uma expressão de*

---

(13) Schlechta imprime aqui «*unvollkommnes*», o que não faz sentido. Deverá ler-se: «*vollkommnes*». — Digamos, em abono da verdade, que a edição de Schlechta, em matéria de revisão, deixa muito a desejar.

*Zaratustra, que as próprias coisas se aproximam e se oferecem para metáfora (— «aqui todas as coisas acorrem caridosas à tua fala e te afagam: pois querem cavalgar às tuas costas. Aqui se te abrem às escâncaras todas as palavras do ser e todos os escrínios das palavras; todo o ser aqui se quer fazer palavra, todo o devir quer aprender a falar contigo —»). É esta a minha experiência da inspiração; não duvido de que se tenha de recuar milénios para encontrar alguém que me possa dizer: «É também a minha» —.*

E com efeito: para confrontar com esta, mas sem a sua universalidade, só me vem à memória a página em que S. T. Coleridge descreve o estado onírico em que se lhe ofereceu o poema de que resta o fragmento estupendo do *Kubla Khan*, «*in which all the images rose up before me as things, with a parallel production of the correspondent expressions, without any sensation or consciousness of effort*»<sup>(14)</sup>.

\*  
\*      \*

Quem, mesmo só de longe e por acaso, se tenha ocupado dos problemas da moderna ciência da literatura, terá topado com os conceitos nietzscheanos de *apolíneo* e *dionisíaco* e terá visto como

---

<sup>(14)</sup> Sobre *O Homem de Porlock*, que veio interromper a gestação admirável do poema de Coleridge, escreveu Fernando Pessoa uma meditação agudíssima, publicada no n.º 2 de *Fradique*, Lisboa, 15 de Fevereiro de 1934. — Manuel Bandeira glosou também a seu modo o episódio do sonho do romântico inglês para, de certa maneira, ilustrar a génese onírica de alguns dos seus poemas (v. *Itinerário de Pasárgada*, pp. 94 e 122–125). — Ainda da poesia moderna, recorde-se, até por certa coincidência nos próprios termos, o que R. M. Rilke escreve do «*namenloser Sturm*», do «*Orkan im Geist*» («tempestade sem nome», «tufão no espírito» — carta de 11 de Fevereiro de 1922 à princesa de Thurn e Taxis-Hohenlohe), de que se fez acompanhar o assalto final das *Elegias de Duíno*.

eles são fundamentais e já indispensáveis, sob este ou equivalente chamadoiro, não só para a determinação e compreensão das duas linhas de força que regem todo o labor artístico e filosófico dos Gregos, mas também para a arrumação crítica da arte em geral e da poesia em particular. Pode mesmo dizer-se que esta polaridade está na base de toda a especulação crítica moderna.

Mas não apenas nas suas congeminções críticas, tão ricas de conseqüências — também, e não em menor medida, na sua criação poética, Nietzsche se acolhe à protecção de Díónisos, o «grande Oculto», o «grande Ambíguo e Deus-Tentador». A sua poesia, como a sua filosofia, é *dionisíaca*, e não somente nos seus ditirambos finais.<sup>(15)</sup> Por isso mesmo, nós iniciamos, ao arripio da cronologia, a presente colectânea de poemas com esses ditirambos, e o título que inicialmente para ela elegemos, que só razões de arranjo gráfico nos levaram a abandonar, foi precisamente: *DITIRAMBOS DIONISÍACOS E OUTROS POEMAS*.

O que Díónisos representa na filosofia e na poesia de Nietzsche pode largamente ver-se, por exemplo, no livro de Rosteutscher que acabámos de citar. Por agora, contente-se o leitor com a meditação desta página admirável que é o § 295 de *Jenseits von Gut und Böse*:

---

(15) Sobre a *poesia* de Nietzsche especialmente se recomenda a seguinte literatura: — o 6.º cap. da 2.ª parte (págs. 137–192) do livro de J. H. W. Rosteutscher, *Die Wiederkunft des Dionysos* (Berna, 1947); artigos vários da colectânea *Nietzsche 1844–1900, Études et Témoignages du cinquantenaire, Société Française d'Études Nietzscheennes* (Paris, 1950); o cap. *Nietzsche et le psychisme ascensionel* (págs. 146 e segs.) do livro de Gaston Bachelard, *L'Air et les Songes* (2.ª ed., Paris, 1950); Max Kommerell, *Gedanken über Gedichte* (Francoforte-do-Meno, 1943, págs. 481 e segs.: *Nietzsches Dionysosdithyramben*); o cap. sobre os *Ditirambos Dionisíacos* a págs. 148–158 de August Closs, *Die freien Rhythmen in der deutschen Lyrik* (Berna, 1947); Michael Landmann, *Geist und Leben, Varia Nietzscheana* (Bonn, 1951); F. G. Jünger, *Nietzsche* (Francoforte-do-Meno, 1949); Josef Nadler, *Friedrich Nietzsche. Dichterische Gestalt* (em: *Festschrift Moritz Enzinger*, Innsbruck, 1953, págs. 157 e segs.); Maria Bindschedler, *Nietzsche und die poetische Lüge* (Basileia, 1954); Herbert Roeschl, *Nietzsche et la Solitude* (Société Française d'Études Nietzscheennes à Manosque, 1958).

*O génio do coração, como o possui aquele grande Oculto, o Deus-Tentador e nato caçador-de-ratos das consciências, cuja voz sabe descer até ao mundo inferior de cada alma, que não diz uma palavra nem lança um olhar em que não haja uma deferência e uma dobra de engodo, de cuja mestria faz parte o saber parecer — e não aquilo que ele é, mas aquilo que, para os que o seguem, é mais uma obrigação para cada vez mais se aproximarem dele, para o seguirem cada vez mais íntima e radicalmente —; o génio do coração que faz emudecer e ensina a ouvir tudo o que fala alto e é arrogante, que alisa as almas ásperas e lhes dá a provar uma nova aspiração — a de ficarem tranquilas como um espelho, de tal modo que o céu profundo se venha espelhar nelas —; o génio do coração que ensina a mão grosseira e precipitada a hesitar e a pegar com mais graça; que adivinha o tesouro oculto e esquecido, a gota de bondade e doce espiritualidade por baixo do gelo espesso e turvo e é uma varinha mágica para cada grãozinho de ouro que jazeu longamente enterrado na prisão de muita lama e areia; o génio do coração, de cujo contacto todos partem mais ricos, não gratificados e surpresos, não felizes e oprimidos como de um bem alheio, mas mais ricos em si mesmos, mais novos do que antes, abertos, tocados e sondados por um vento de degelo, mais inseguros talvez, mais delicados, mais frágeis, mais quebrados, mas cheios de esperanças que ainda não têm nome, cheios de novo querer e fluir, cheios de novo não-querer e refluir... mas que faço eu, meus amigos? De quem é que vos falo? Esqueci-me eu a tal ponto que nem sequer vos disse o seu nome? A não ser que por vós mesmos já tenhais adivinhado quem seja este duvidoso espírito, este deus que de tal maneira quer ser louvado. Como, aliás, acontece a qualquer que desde a infância andou sempre a peregrinar e por terra alheia, também a mim me saíram ao caminho muitos espíritos estranhos e de forma alguma não perigosos, mas sobretudo aquele de quem ainda agora falei, e esse sempre de novo, nem mais nem menos do que o Deus Díónisos, aquele grande Ambíguo e Deus-Tentador, a quem eu um dia, como sabeis, em todo o segredo e veneração ofereci*

*as minhas primícias — como o último, ao que me parece, que lhe ofereceu um sacrifício: pois não achei ninguém que tivesse entendido o que eu então fiz. Entretanto, aprendi muitas coisas, coisas de mais sobre a filosofia deste deus, e, como disse, de boca para boca — eu, o último discípulo e iniciado do deus Diόνisos: e ser-me-á finalmente permitido começar, tanto quanto possa, a dar-vos a provar, meus amigos, um pouco desta filosofia? A meia voz, como convém: pois se trata de várias coisas secretas, novas, estranhas, singulares e terríveis. Já o facto de Diόνisos ser um filósofo, e, portanto, de também os deuses filosofarem, me parece uma novidade não inofensiva e que talvez provoque desconfiança precisamente entre os filósofos — entre vós, meus amigos, já a novidade tem menos contra si, a não ser que venha tarde e fora da hora própria: pois vós hoje não gostais, ao que me disseram, de acreditar em Deus e em deuses. Talvez também eu tenha de ir mais longe na ingenuidade da minha história do que é normalmente agradável aos vossos ouvidos? Por certo o dito deus, em tais diálogos, foi mais longe, muito mais longe, e ia sempre muitos passos à minha frente... Sim, se fosse permitido apor-lhe, conforme o humano costume, belos e solenes nomes de pompa e virtude, muito teria eu que celebrar do seu ânimo de investigador e descobridor, da sua ousada honradez, do seu amor à verdade e sabedoria. Mas um deus destes não sabe o que há-de fazer de toda essa venerável e pomposa farrapagem. E diria: «Guarda lá isso para ti e para os da tua laia, e mais para quem tenha precisão! Eu — não tenho razão para tapar a minha nudez!» — Adivinha-se logo: a esta espécie de divindade e de filósofo falta-lhe talvez o pudor? — Assim foi que ele disse uma vez: «Dadas certas circunstâncias, amo o ser humano» — alusão a Ariadne, que estava presente —: «O homem é para mim um animal agradável, valente, inventivo, que não tem sobre a terra quem se lhe iguale; é capaz de achar saída mesmo de todos os labirintos. Gosto dele: muitas vezes me ponho a pensar como é que o poderei fazer progredir e fazê-lo mais forte, mais mau e mais profundo do que é.» — «Mais forte, mais mau e mais profundo?» perguntei eu assustado. «Sim», repetiu ele,*



«mais forte, mais mau e mais profundo; e também mais belo» — e o Deus-Tentador sorriu com o seu sorriso halciónico, como se tivesse acabado de dizer uma graça encantadora. Vê-se logo: não é só o pudor que falta a esta divindade —; e há mesmo boas razões para supor que, sob alguns aspectos, os deuses todos têm muito que aprender na escola dos homens. Nós homens somos — mais humanos...

«Nietzsche est le type même du poète vertical, du poète des sommets, du poète ascensionnel», diz G. Bachelard no livro atrás citado.

A sua poesia é, efectivamente, uma poesia da altura, dos cumes, da beira do abismo. Lê-se no capítulo *Von der Menschen-Klugheit* (*Da Esperteza Humana*), o penúltimo da segunda parte do *Zarathustra*:

*Nicht die Höhe: der Abhang ist das Furchtbare!*

*Der Abhang, wo der Blick hinunter stürzt und die Hand hinauf greift. Da schwindelt dem Herzen vor seinem doppelten Willen.*

*Ach, Freunde, erratet ihr wohl auch meines Herzens doppelten Willen?*

*Das, das ist mein Abhang und meine Gefahr, dass mein Blick in die Höhe stürzt, und dass meine Hand sich halten und stützen möchte — an der Tiefe!*<sup>(16)</sup>

Neste duplo querer se revelam as duas tendências *verticais* da poesia de Nietzsche: uma ascendente, para a vida; a outra de

---

<sup>(16)</sup> «Não é a altura, é o declive que me assusta!

O declive, pelo qual o olhar se precipita *para baixo*, enquanto a mão procura agarrar-se às *alturas*. Então o coração sente vertigens do seu duplo querer.

Ai, amigos, podeis também vós adivinhar bem o duplo querer do meu coração?

Isso, isso é que é o *meu* declive e o meu perigo: o meu olhar precipita-se para a altura, enquanto a minha mão quereria agarrar-se e apoiar-se — às profundezas!»

precipitação na morte, de atracção abissal (v. H. Roeschl, *op. cit.*, p. 58).

Por isso, o melhor símbolo, ao que me parece, da situação *perigosa* da poesia e da solidão de Nietzsche (— «*É preciso ter asas quando se ama o abismo.*» — lê-se no Ditirambo IV, *Zwischen Raubvögeln*, págs. 60–61) — é o que se exprime no poema *Pinie und Blitz* — *O Pinheiro e o Raio* —, transcrito adiante, págs. 250–251, que exprime situação paralela à do Ditirambo IV e que é, afinal, o reflexo formalmente poético do apólogo que Zarathustra oferece à meditação do Jovem no capítulo *Vom Baum am Berge* da primeira parte de *Also sprach Zarathustra*:

*«Dieser Baum steht einsam hier am Gebirge; er wuchs hoch hinweg über Mensch und Tier.*

*Und wenn er reden wollte, er würde niemanden haben, der ihn verstünde: so hoch wuchs er.*

*Nun wartet er und wartet — worauf wartet er doch? Er wohnt dem Sitze der Wolken zu nahe: er wartet wohl auf den ersten Blitz?»<sup>(17)</sup>*

É sempre a mesma poesia da solidão — ora angustiada, ora ativa —, poesia de situação extrema, de recuo impossível, em que só há duas saídas: «a morte rápida ou o longo amor» (cf., adiante, o fragmento 59, págs. 138–139); poesia que tem a sua pátria em paragens perigosas, como já se disse:

*Wo Gefahr ist,  
da bin ich daheim,  
da wachse ich aus der Erde.*

---

<sup>(17)</sup> «Esta árvore ergue-se solitária aqui na montanha; cresceu para lá de homens e bichos.

E se quisesse falar, não encontraria ninguém que a entendesse: tão alto ela cresceu.

E ei-la agora à espera, à espera — mas à espera de quê? Mora perto de mais do assento das nuvens: não esperará ela pelo primeiro raio?»

PREFÁCIO

[Onde há perigo,  
aí estou eu em casa,  
aí cresço eu da terra.]

(Fragm. 24, págs. 120–121).

A figura do viandante que se arrisca até lá onde nem a camurça acha caminho (*v.* págs. 259–260) reaparece sempre de novo em Nietzsche. E nas alturas ínvias é preciso «olhar frio e claro», pois se está perdido se se acredita no perigo (*Der Wanderer*, págs. 192–193). Lá em cima, no total e eleito isolamento, em ar clarificado, entre o gelo dos glaciares, o olhar e a mão — (recorde-se o passo do *Zaratustra* atrás transcrito) — só apreendem

*Fünf Fuß breit Erde, Morgenrot,  
Und unter mir — Welt, Mensch und Tod!*

[A aurora e cinco pés de terra em sorte,  
E *abaixo* de mim — Mundo, Homem e Morte!]

(Págs. 258–259)

Vê no sol do ocaso o símbolo do seu excesso de riqueza e de luz:

*Sein Überglück ward ihm zum Ungemach,  
Sein Überlicht geht eurem Dunkel nach.*

[Seu excesso de ventura tornou-se-lhe incomodidade,  
Seu excesso de luz persegue a vossa escuridade.]

(Págs. 200–201)

A mesma situação irreversível se repete ainda no mar, quando o *Novo Colombo*, sempre de olhar cravado no azul, sente a atracção

excessiva do mais longínquo, e, depois de ver Génova afundar-se e sumir-se na distância das águas, diz ao coração:

(...)

*Herz, bleib' kalt! Hand, halt' das Steuer!  
Vor mir Meer — und Land? — und Land? — —*

*Stehen fest wir auf den Füßen!  
Nimmer können wir zurück!  
Schau' hinaus: von fernher grüssen  
uns Ein Tod, Ein Ruhm, Ein Glück!*

[(...)]

Coração, fica frio! Mão, segura o leme!  
À minha frente o mar — e a terra? — e a terra? — —

Bem firmes sobre os pés nos seguremos!  
Voltar atrás nunca mais poderemos!  
Olha pra o largo: de longe acena, pura,  
*uma* morte, *uma* glória, *uma* ventura!]

*(Der neue Columbus)*

E este destino de solidão última exige aceitação, aceitação álcacre e inevitável, aceitação em amor — *amor fati*:

*Du hältst es nicht mehr aus,  
dein herrisches Schicksal?  
Liebe es, es bleibt dir keine Wahl!*

[Já não podes aguentá-lo,  
o teu destino de senhor?  
Ama-o, não tens mais que escolher!]

(Frag. 58, pág. 138–139)

Uma nota nostálgica, uma saudade de morte, vem por vezes dar toda a dor, toda a amargura do isolamento. (Leia-se, p. ex., o poema *Der Einsamste*, págs. 266–267). Outras vezes, é a saudade do regresso a um lar perdido ou nunca existente, saudade tornada mais amarga ainda pela resposta de um sarcasmo acre e impiedoso (*Mitleid hin und her*, págs. 270 e segs.).

E a canção destinada a epílogo de *Jenseits von Gut und Böse* (*Para lá de Bem e Mal*) com que fecha a parte metrificada da nossa colectânea — «*Aus hohen Bergen*» («*De altos Montes*»), págs. 276 e segs. — dá bem, na largueza da sua orquestração, a profunda, a dolorosa magnitude desta solidão gelada, mas dá também a magnífica e orgulhosa coragem que o não deixa desistir, na espera dos *novos* amigos — e a canção acaba, amordaçando a saudade no júbilo festivo da união com o encantador Zaratustra, «o hóspede dos hóspedes», e no cântico das núpcias da Luz e das Trevas.

\*

Qualquer visão — por mais rápida — da poesia de Nietzsche seria deficiente se não incluísse, além do mais significativo da obra em verso, também alguns exemplos dos seus poemas em prosa. Por isso nos atrevemos a concluir a nossa colectânea com versões de cinco das mais belas canções do *Zaratustra*, o maior poema lírico que o Poeta nos deixou.

\*

\* \*

A grande maioria das versões que adiante se publicam nasceu do propósito de celebrar em Portugal, em 1950, o cinquentenário da morte do Poeta-Filósofo. Registada aqui a boa intenção e o seu malogro, resta apenas dizer que a versão do poema «*Venedig*» («*Veneza*», págs. 274–275) recebeu um dos três primeiros prémios

num concurso de traduções de lírica alemã organizado pela revista *Deutschunterricht für Ausländer*, de Munique, em 1952, e foi publicada na pág. 5 da colectânea *Deutsche Lyrik in fremden Sprachen*, editada pelo *Institut für Auslandsbeziehungen* de Estugarda e pelo *Goethe-Institut* de Munique no Natal de 1952.

E pronto, que isto já vai muito longo...

Do que haja a objectar às presentes versões portuguesas me quero salvar a tempo chamando à memória o que o cura diz ao barbeiro no decurso *del donoso y grande escrutinio que [...] hicieron en la librería de nuestro ingenioso hidalgo* sobre a versão métrica castelhana que do *Orlando* de Ariosto fizera Jerónimo de Urrea (*Don Quijote de la Mancha*, cap. VI da 1.<sup>a</sup> Parte):

«... y aqui le perdonáramos al señor Capitán, que no le hubiera traído a Espana y hecho castellano, que le quitó mucho de su natural valor, y lo mismo harán todos aquellos que los libros de verso quisieren volver en otra lengua; que por mucho cuidado que pongan y habilidad que muestren, jamás llegarán al punto que ellos tienen en su primer nacimiento.»

Coimbra, Nov./Dez. de 1959.

PAULO QUINTELA

## NOTA PARA A 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

*O original alemão e a tradução foram, para esta segunda edição, submetidos a rigorosa revisão, de que resultaram várias emendas e alterações que o leitor com paciência poderá verificar.*

*Se houver uma nova edição, acrescentar-se-á um suplemento com mais fragmentos de Ditirambos Dionisíacos.*

Coimbra, Fevereiro de 1981.

P. Q.

## ÍNDICE

Nota prévia à presente edição <i>por António Sousa Ribeiro</i> . . . . .	7
Prefácio . . . . .	9
Nota para a 2. <sup>a</sup> edição. . . . .	29

### F. NIETZSCHE \* POEMAS

#### DITIRAMBOS DIONISIÁCOS (339)

<i>Dionysos-Ditbyramben</i> . . . . .	34
Ditirambos Dionisiácos. . . . .	35
<i>Nur Narr! Nur Dichter!</i> . . . . .	36
Só Louco! Só Poeta! . . . . .	37 (339)
<i>Die Wüste wächst: weh dem, der Wüsten birgt</i> . . . . .	44
O deserto cresce: ai de quem acoita desertos. . . . .	45 (340)
<i>Letzter Wille</i> . . . . .	56
Última Vontade. . . . .	57
<i>Zwischen Raubvögeln</i> . . . . .	58
Entre Aves de Rapina . . . . .	59
<i>Das Feuerzeichen</i> . . . . .	66
O Fanal . . . . .	67



<i>Die Sonne sinkt</i> . . . . .	70
O Sol desce . . . . .	71
<i>Klage der Ariadne</i> . . . . .	76
Lamentação de Ariadne . . . . .	77 (342)
<i>Ruhm und Ewigkeit</i> . . . . .	86
Glória e Eternidade . . . . .	87
<i>Von der Armut des Reichsten</i> . . . . .	96
Da Pobreza do mais Rico . . . . .	97

FRAGMENTOS DE DITIRAMBOS DIONISIÁCOS (346)  
(Canções de Zaratustra)

(*Só se especificam os fragmentos com título*):

26 — <i>Die Sphinx</i> . . . . .	122
A esfinge . . . . .	123
75 — <i>Wasserfahrt</i> . . . . .	146
Viagem por mar . . . . .	147
123 — <i>Fleiß und Genie</i> . . . . .	174
Diligência e Génio . . . . .	175
124 — <i>Das Honig-Opfer</i> . . . . .	174
Sacrifício de Mal . . . . .	175
125 — <i>Das eberne Schweigen</i> . . . . .	174
Silêncio de Bronze . . . . .	175

OUTROS POEMAS

<i>Über meiner Haustür</i> . . . . .	178
Por cima da minha porta . . . . .	179 (346)
<i>Mein Glück</i> . . . . .	178
A minha Ventura . . . . .	179 (346)
<i>Unverzagt</i> . . . . .	180
Intrépido . . . . .	181

ÍNDICE

<i>Zwiegespräch</i> .....	180
Diálogo .....	181
<i>Welt-Klugheit</i> .....	180
Esperteza do Mundo .....	181
<i>Vademecum-Vadetecum</i> .....	182
Vademecum-Vadetecum .....	183
<i>Bei der dritten Häutung</i> .....	182
Na terceira Muda .....	183
<i>Meine Rosen</i> .....	182
As minhas Rosas .....	183
<i>Der Verächter</i> .....	184
O Escarninho .....	185
<i>Das Sprichwort spricht</i> .....	184
Fala o Provérbio .....	185
<i>An einen Lichtfreund</i> .....	186
A um Amigo da Luz .....	187
<i>Für Tänzer</i> .....	186
Para quem souber dançar .....	187
<i>Der Brave</i> .....	186
O Bravo .....	187
<i>Aufwärts</i> .....	186
Pra o alto .....	187 (346)
<i>Spruch des Gewaltmenschen</i> .....	188
Sentença do Violento .....	189
<i>Schmale Seelen</i> .....	188
Almas estreitas .....	189
<i>Zur Erwägung</i> .....	188
Para ponderar .....	189
<i>Interpretation</i> .....	188
Interpretação .....	189
<i>Pessimisten-Arznei</i> .....	190
Mèzinha de Pessimistas .....	191
<i>Meine Härte</i> .....	190
A minha Dureza .....	191 (346)

<i>Der Wanderer</i> . . . . .	192
O Caminhante . . . . .	193 (347)
<i>Sternen-Egoismus</i> . . . . .	192
Egoísmo de Estrela . . . . .	193
<i>Der Nächste</i> . . . . .	192
O Próximo . . . . .	193
<i>Der verkappte Heilige</i> . . . . .	194
Santo disfarçado . . . . .	195
<i>Der Unfreie</i> . . . . .	194
Galeote . . . . .	195
<i>Seneca et hoc genus omne</i> . . . . .	194
Seneca et hoc genus omne . . . . .	195
<i>Eis</i> . . . . .	196
Gelo . . . . .	197
<i>Der Fromme spricht</i> . . . . .	196
Fala o Devoto . . . . .	197
<i>Ohne Neid</i> . . . . .	196
Sem Inveja . . . . .	197
<i>Heraklītismus</i> . . . . .	198
Heraclitismo . . . . .	199
<i>Zuspruch</i> . . . . .	198
Conselho . . . . .	199
<i>Urteile der Müden</i> . . . . .	198
Juízos dos Cansados . . . . .	199
<i>Niedergang</i> . . . . .	200
Ocaso . . . . .	201
<i>Gegen die Gesetze</i> . . . . .	200
Contra as Leis . . . . .	201
<i>Der Weise spricht</i> . . . . .	200
Fala o Sábio . . . . .	201
« <i>Menschliches, Alteumenschliches</i> ». <i>Ein Buch</i> . . . . .	202
«Humano, por demais Humano». Um Livro . . . . .	203
<i>Dichter-Eitelkeit</i> . . . . .	202
Vaidade de Poeta . . . . .	203

ÍNDICE

<i>Wählerischer Geschmack</i> . . . . .	202
Gosto biqueiro . . . . .	203
<i>Höhere Menschen</i> . . . . .	204
Homens Superiores . . . . .	205
<i>Der Skeptiker spricht</i> . . . . .	204
Fala o Céptico . . . . .	205
<i>Ecce Homo</i> . . . . .	206
Ecce Homo . . . . .	207
<i>Sternen-Moral</i> . . . . .	206
Moral de Estrela . . . . .	207

\*

<i>Im Süden</i> . . . . .	208
No Sul . . . . .	209
<i>Der geheimnisvolle Nachen</i> . . . . .	212
A Barca misteriosa . . . . .	213
<i>Vogel Albatross</i> . . . . .	216
O Albatrós . . . . .	217 (348)
<i>Rimus Remedium</i> . . . . .	218
Rimus Remedium . . . . .	219
<i>Nach neuen Meeren</i> . . . . .	222
Para novos Mares . . . . .	223 (348)
<i>Sils-Maria</i> . . . . .	224
Sils-Maria . . . . .	225 (348)
<i>An den Mistral. Ein Tanzlied</i> . . . . .	226
Ao Mistral. Canção bailada . . . . .	227 (348)

\*

<i>Spiel der Gedanken</i> . . . . .	232
O Jogo dos Pensamentos . . . . .	233 (348)
<i>Unter Freunden. Ein Nachspiel</i> . . . . .	234
Entre Amigos (Epílogo) . . . . .	235 (348)

<i>An die Freundschaft</i> . . . . .	238
A Amizade . . . . .	239 (349)
<i>Morgen ist vorbei</i> . . . . .	242
A Manhã passou . . . . .	243 (349)
<i>Vorsicht: Gift!</i> . . . . .	242
Cuidado: Veneno! . . . . .	243 (349)
<i>Aus dem Paradiese</i> . . . . .	244
Cena no Paraíso . . . . .	245 (349)
<i>Der «echte Deutsche»</i> . . . . .	244
O «puro Alemão» . . . . .	245 (349)
<i>Freund Yorick, Mut!</i> . . . . .	246
Coragem, amigo Yorick! . . . . .	247 (349)
<i>«Freunde, es gibt keine Freunde!»</i> . . . . .	248
<i>«Amigos, não há Amigos!»</i> . . . . .	249 (349)
<i>An das Ideal</i> . . . . .	248
Ao Ideal . . . . .	249 (349)
<i>Wer viel einst zu verkünden hat</i> . . . . .	250
Quem um dia há-de ter muito a proclamar . . . . .	251 (349)
<i>Pinie und Blitz</i> . . . . .	250
O Pinheiro e o Raio . . . . .	251 (349)
<i>Lebensregeln</i> . . . . .	252
Regras de Bem-Viver . . . . .	253 (349)
<i>Der schönste Leib — ein Schleier nur</i> . . . . .	252
O mais belo corpo — um véu apenas . . . . .	253 (349)
<i>Verdruss des Stolzen</i> . . . . .	252
Enfado do Orgulhoso . . . . .	253 (349)
<i>Rätsel</i> . . . . .	254
Enigma . . . . .	255 (350)
<i>Hier rollte Gold</i> . . . . .	254
Aqui ouro rolou . . . . .	255 (350)
<i>Für falsche Freunde</i> . . . . .	254
Para os amigos falsos . . . . .	255 (350)
<i>Alle ewigen Quell-Bronnen</i> . . . . .	256
Todas as Fontes eternas . . . . .	257 (350)

ÍNDICE

<i>Sanctus Januarius</i> . . . . .	256
São Januário. . . . .	257 (350)
« <i>Der Wanderer und sein Schatten</i> ». <i>Ein Buch</i> . . . . .	258
«O Caminheiro e a Sombra». Um livro . . . . .	259 (350)
« <i>Die fröhliche Wissenschaft</i> ». . . . .	260
«A Gaia Ciência». . . . .	261 (350)
<i>Zweite Fassung</i> . . . . .	260
Segunda versão . . . . .	261 (350)
<i>Das Wort</i> . . . . .	262
A Palavra . . . . .	263 (350)
<i>Der Tag klingt ab</i> . . . . .	266
O Dia esmorece. . . . .	267 (350)
<i>Der Einsamste</i> . . . . .	266
O mais Solitário. . . . .	267 (350)
<i>Das trunkene Lied</i> . . . . .	268
Canção de Embriaguez . . . . .	269 (351)
<i>Mitleid hin una her</i> . . . . .	270
Piedade pra cá e pra lá . . . . .	271 (351)
<i>Venedig</i> . . . . .	274
Veneza . . . . .	275 (351)
<i>Aus hohen Bergen. Nachgesang</i> . . . . .	276
De altos Montes. Canção-Epílogo . . . . .	277 (351)

POEMAS EM PROSA (354)  
(Cinco Canções de Zaratustra)

<i>Das Nachtlied</i> . . . . .	286
Canção Nocturna . . . . .	287
<i>Das Tanzlied</i> . . . . .	292
Bailada . . . . .	293
<i>Das Grablied</i> . . . . .	298
Cântico Fúnebre . . . . .	299

<i>Die sieben Siegel</i> .....	306
Os sete Selos .....	307
<i>Dos trunkne Lied</i> .....	316
Canção da Embriaguez .....	317 (354)

NOTAS

Notas .....	339
<i>Dem unbekanntem Gott</i> .....	344
Ao Deus desconhecido .....	345

TRADUÇÕES INÉDITAS

<i>Nachgelassene Fragmente</i> .....	356
Fragmentos Póstumos .....	357
<i>Der neue Columbus</i> .....	416
O novo Colombo .....	417
<i>Glück, o glück</i> ... ..	418
Ventura, ó Ventura... ..	419
<i>Der Halkyonier</i> .....	420
O Halciónio .....	421